

lha do Regente, assim, concentrou as atenções: foi eleito Feijó. Alcançara, um total de 6000 eleitores, 2826 votos, menos da metade, e isso indica a estreiteza do campo eleitoral da época. Os liberais de direita marchavam para a união com os conservadores, para esmagar a esquerda. Grande artífice dessa união, Evaristo da Veiga suspenderia a publicação da *Aurora Fluminense*, com o número de 30 de dezembro de 1835 — sua missão estava cumprida.

As paixões políticas estão retratadas nos pasquins, mais do que nos jornais dotados de certa continuidade e estabilidade: “A eles não se poderá negar certa influência no desenrolar dos acontecimentos, de modo ponderável tendo contribuído seguramente, para a formação do ambiente de polêmicas que, a partir de então, se tornou normal em todo o país, logo degenerando em conflitos e rusgas, motins e levantes que, em alguns casos, chegariam a verdadeiros movimentos revolucionários, de extensa envergadura”⁽⁸⁶⁾. Na Bahia e no Rio, Cipriano Barata persistiria em sua pregação impressa. Antônio João Rangel de Vasconcelos, major de Engenharia, era redator do *Filho da Terra*. Francisco das Chagas de Oliveira França comandaria os acontecimentos, com o *Tribuna do Povo*. Clemente José de Oliveira redigia *O Brasil Aflito*. Silvério Mariano Quevedo de Lacerda fora o responsável pela *Luz Brasileira*, a que sucedera a *Nova Luz Brasileira*. Pascoal Bailão foi o redator da virulenta *Marmota*, que durou apenas sete números.

Moreira de Azevedo explica a proliferação dos pasquins como consequência da violência das lutas políticas do tempo: “Diversas causas explicam o descomedimento da imprensa dessa época; era o Governo considerado regressista, estava sem prestígio; irritado contra os insultos da oposição, mostrava-se violento na imprensa; em vez de aplicar com sabedoria e tino a imprensa para dirigir a opinião pública e promover o adiantamento cultural do povo, servia-se dela para ferir os seus contrários e perdê-los no conceito público. Julgando comprometidos os princípios democráticos, e corrompido o Governo, se exaltava a oposição, e tudo isso explica a aparição desses periódicos veementes, insultuosos, lembrando represálias, excitando o patriotismo e tratando de aumentar o ardor, a luta dos partidos, luta que mui breve devia trazer grande mudança à política do país”⁽⁸⁷⁾. Em outro lugar, considera o problema: “Foi o ano de 1832 a 1833 um daqueles em que a imprensa assumiu entre nós maior grau de

(86) Hélio Viana: op. cit., pág.

(87) Moreira de Azevedo: “Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro”, in *Revista do I. H. G. B.*, tomo 28, parte 2ª, vol. 31, págs. 194/195, Rio, 1865.